



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**



**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EDUCAÇÃO DE SURDOS EM  
PERSPECTIVA BILÍNGUE**

## **Projeto do curso e Ementário**

Ri de Janeiro, RJ  
INES-DESU  
1ª versão 2012  
(revisado 2017)  
(revisado 2019)  
(revisado 2022)

PÓS-GRADUAÇÃO DESU-INES  
EDUCAÇÃO DE SURDOS EM PERSPECTIVA BILÍNGUE

**GOVERNO DO BRASIL**

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Victor Godoy Veiga

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Paulo André Martins de Bulhões

DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR

Rodrigo Rosso Marques

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz

EDIÇÃO

Instituto Nacional de Educação de Surdos -INES Rio  
de Janeiro – Brasil

**REVISÃO 2022**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. O CURSO EDUCAÇÃO DE SURDOS em perspectiva bilíngue.....</b>	<b>8</b>
OBJETIVOS DO CURSO .....	8
PÚBLICO-ALVO .....	8
PERFIL DO EGRESSO .....	8
MODALIDADE .....	9
DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DACARGA HORÁRIA.....	9
NÚMERO DE VAGAS.....	9
FORMAS DE INGRESSO .....	9
CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO .....	9
<b>3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES .....</b>	<b>10</b>
<b>4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO .....</b>	<b>11</b>
<b>5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA.....</b>	<b>12</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho docente se caracteriza na atualidade por um grau de complexidade cada vez maior. Novas demandas sociais, políticas, tecnológicas, novos objetos de ensino e pesquisa e a própria natureza múltipla das formas de interação humana no contexto contemporâneo tornam o trabalho cotidiano dos professores um desafio constante à criatividade e à capacidade de renovação dos educadores de hoje. Se, entretanto, tais docentes dedicam-se à educação daqueles grupos sociais adjetivados de *minoritários* e/ou de pessoas consideradas em quaisquer espécies de risco social, o desafio acima aludido reveste-se de um grau de densidade ainda maior. A questão parece ser: como educar para uma desejada igualdade política e econômica sem impor igualitarismos artificiais que apaguem diferenças profundas que, muitas vezes, implicam em necessidades e expectativas muito diversas? Como educar para a igualdade de oportunidades sem homogeneizar, colonizar e/ou essencializar diferenças?

A resposta a essas e outras indagações, próprias do exercício docente diário, não surgem nem surgirão assim tão facilmente. São, entretanto, as perguntas e desafios que nos movem, a nós, educadores, eternos estudantes.

No campo específico da educação de surdos, sem dúvida, os avanços e as conquistas recentes foram muitos, mas os desafios são ainda maiores. Logrou-se, por exemplo, a criação de Políticas Públicas específicas para surdos e o reconhecimento público e estatal da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com a criação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que torna obrigatório para os surdos o ensino de LIBRAS desde a educação infantil. Conseguiu-se, ainda, um incremento do acesso das pessoas surdas ou de interessados em estudar temas relacionados com a surdez à educação superior, no nível de graduação, graças às iniciativas como o curso à distância de Licenciatura em Letras-LIBRAS, oferecido pela UFSC, já com um número significativo de egressos, e o Curso Bilíngue de Pedagogia, oferecido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Entretanto, apesar dos avanços (ou por causa deles) os desafios são muitos. As leis referentes à Língua Brasileira de Sinais, para serem implementadas de fato, precisam de um correspondente preparo de profissionais de educação capazes de aprender e educar em LIBRAS. Precisa, ainda, da correspondente produção e oferta de

material didático produzido em língua de sinais. Para que as conquistas legais dos cidadãos surdos sejam consolidadas e se tornem, de fato, direitos obtidos, as demandas relativas à difusão da LIBRAS entre os profissionais da educação precisam ser enfrentadas pelo sistema de educação brasileiro, especialmente, pelo sistema público de ensino. No ensino superior é preciso enfrentar, dentre outros, desafios referentes ao desenvolvimento de um vocabulário acadêmico em LIBRAS e, como forma de preservar a autonomia discursiva e crítica do leitor surdo e/ou do usuário da língua de sinais, precisa ser acompanhada da preparação de versões dos textos acadêmicos.

Outro grande desafio está relacionado com a chamada “*inclusão*”. De modo geral, os profissionais de educação brasileiros (já, de resto, tão sobrecarregados e imersos em um modelo educacional ainda precário, apesar dos muitos esforços em direção da melhoria que temos tentando realizar) se sentem despreparados para receberem adequadamente alunos com as mais variadas necessidades especiais. A *inclusão*, para ser realmente uma conquista em termos de igualdade de oportunidades, não pode ser apenas uma forma de desonerar o Estado de suas responsabilidades para com aqueles cidadãos que têm necessidades educacionais específicas. O fato de se estar fisicamente em determinado lugar não significa que se está *incluído*.

Com relação às populações surdas, para que haja, de fato, *inclusão*, não se pode deixar de reconhecer as especificidades linguísticas envolvidas na questão. Os direitos linguísticos obtidos tão duramente não podem estar em contradição com as políticas inclusivas.

As crianças surdas, em sua grande maioria nascidas em famílias ouvintes, chegam geralmente à escola sem uma língua constituída. As formas de linguagem instituídas no processo de interação familiar não são suficientes para garantir seu desempenho linguístico no ambiente escolar, ficando com a escola a missão de prover meios que garantam à criança surda a aquisição de língua. Quando falamos de crianças surdas muito pequenas, até mesmo para aprender o português em sua modalidade escrita, elas precisam ter adquirido alguma linguagem capaz de promover seu desenvolvimento cognitivo.

Uma das características específicas da surdez é, sem dúvida, a ausência de uma língua por meio da qual o indivíduo surdo possa se desenvolver cognitivamente de maneira plena e edificar seu conhecimento. Trata-se, portanto, de um processo de inclusão bem diverso, por exemplo, daquele referente às pessoas cegas ou com

necessidades motoras especiais. O surdo pode não apreender o que é ensinado no currículo escolar, simplesmente, por um obstáculo linguístico e cognitivo: além de não ouvir, as pessoas surdas têm uma tendência a ter acesso ao mundo pela visão. Tal aspecto, de natureza cultural, deve ser considerado.

Para que as crianças surdas sejam, de fato, *incluídas*, é preciso que elas se apropriem da língua utilizada na escola e se sintam culturalmente acolhidas e ambientadas. Só há duas opções: ou elas tentam, de algum modo, fazer uso do português falado na escola, ou os profissionais de educação precisam educar em LIBRAS e desenvolver estratégias viso-espaciais de ensino/aprendizagem.

A possibilidade de escolaridade na Língua de Sinais está contemplada no Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta o seu uso. *Incluir* a criança surda em um ambiente escolar onde não circule a Língua de Sinais pode ser visto, na prática, como uma coerção em direção ao implante ou a outros meios de apagar, compulsoriamente, diferenças e especificidades. O Estado precisa prover meios de garantir o direito à liberdade de opção tanto de pessoas que desejem ser educadas exclusivamente em português quanto daquelas que precisam ser educadas segundo um modelo bilíngue de educação.

Seja para responder pela inclusão de alunos surdos nas escolas brasileiras inclusivas, seja para trabalhar em qualquer função pedagógica nas escolas ou classes especiais para surdas, profissionais capacitados para tais missões precisam ser formados. A insuficiência na formação de profissionais que possibilite o trabalho de construção da leitura e da escrita como práticas discursivas a serem realimentadas permanentemente, ao longo de todas as etapas educacionais pelas quais passarem os estudantes surdos não pode continuar ocorrendo e se tornar uma forma de, na prática, negar o acesso de surdos à educação de qualidade, seja na escola inclusiva ou em classes especiais.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, centro de referência nacional na área da surdez, instituição com mais de cento e sessenta anos de atuação no cenário da educação nacional, objetiva precipuamente a disseminação do conhecimento sobre a área da surdez em todo o território nacional, a qualificação da pessoa surda para inserção no mercado de trabalho, dentre outras atividades, oferecendo ensino e atendimento especializados, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior.

O Departamento de Ensino Superior – DESU, promove o Curso Bilíngue de

Pedagogia. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - constitui a própria língua de instrução do Curso, enquanto a Língua Portuguesa consta como disciplina obrigatória apenas em sua modalidade escrita.

Assim, como um desdobramento quase natural da atuação do INES no campo da Educação de surdos e de seu curso de ensino superior, estamos oferecendo aos profissionais de educação e demais interessados na educação de surdos este curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em **Educação de Surdos em perspectiva bilíngue**. Nossas experiências na graduação, em atividades extensivas, nossos contatos com profissionais da educação de dentro e de fora do INES, nossas experiências na realização de cursos de pós-graduação, enfim, as demandas educacionais com as quais nos defrontamos em nossas atividades diárias nos mostram que há uma gama significativa de profissionais de educação, nos mais variados níveis de ensino, surdos e ouvintes, que lidam diretamente com educandos surdos e que não se conformam em ver tais alunos *excluídos* do processo de ensino/aprendizagem porque a estrutura física e pedagógica da escola, a gestão escolar e os profissionais de educação não estão sendo devidamente preparados para compreender e lidar com alunos com necessidades educativas específicas.

Muitos desses profissionais não têm mais tempo ou interesse de cursar nova graduação, têm conhecimentos, muitas vezes, vastos e suficientes em seu *métier* específico, desejam, apenas, a oportunidade de terem uma formação complementar para atuar com mais segurança na área de educação de surdos.

No intuito de atender tais profissionais é que oferecemos este curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em **Educação de Surdos em perspectiva bilíngue**. Buscamos qualificar profissionais de educação e de áreas afins para atuarem em qualquer função pedagógica que envolva a educação de surdos, seja em escolas inclusivas ou em escolas para surdos.

## 2. O CURSO EDUCAÇÃO DE SURDOS EM PERSPECTIVA BILÍNGUE

### OBJETIVOS DO CURSO

- Preparar professores licenciados nas diferentes áreas do conhecimento e militando em diferentes níveis de ensino, profissionais de educação e áreas afins para trabalharem com alunos surdos numa perspectiva bilíngue de educação.
- Propiciar condições de especialização do professor licenciado e demais profissionais afins para atuar na educação de alunos surdos.
- Contribuir para a ampliação de conhecimento na área da educação de surdos por meio da pesquisa acadêmica desse campo multidisciplinar de conhecimento e da troca entre diferentes experiências e práticas educacionais pertinentes a essa área.

### PÚBLICO-ALVO

Graduados em Pedagogia ou em qualquer área da Educação, Licenciaturas, Psicologia, Fonoaudiologia, Assistência Social, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Comunicação, Biblioteconomia e outras áreas afins.

### PERFIL DO EGRESSO

O profissional certificado pelo curso de especialização **EDUCAÇÃO DE SURDOS em perspectiva bilíngue** será habilitado para atuar em funções que envolvam a educação de surdos. Será capacitado, ainda, para: avaliar a formulação e implementação de práticas pedagógicas voltadas para surdos em articulação com as políticas públicas na área da educação de surdos; contribuir para o avanço científico da área; oportunizar reflexões sobre bilinguismo, letramentos e processos de ensino-aprendizagem de surdos; atuar em prol de melhorias do desempenho dos aprendizes surdos nas atividades educacionais em espaços formais e não formais, dos mais variados níveis, aumentando suas potencialidades de **desenvolvimento pedagógico**.



## **MODALIDADE**

O Curso é presencial e será realizado nas dependências físicas do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

## **DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA**

O Curso tem duração de 360 horas/aula, distribuídas em 18 meses. As aulas ocorrerão às terças e sextas, das 18h às 22h.

## **NÚMERO DE VAGAS**

Serão oferecidas 40 vagas, sendo 50% das vagas garantidas para candidatos surdos e outras 50% para candidatos não surdos.

## **FORMAS DE INGRESSO**

O processo seletivo para ingresso no Curso de Pós-graduação **Educação de Surdos em perspectiva bilíngue** será composto de duas etapas:

1. Prova Escrita – eliminatória e classificatória;
2. Entrevista realizada perante uma banca examinadora – classificatória.

## **CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO**

1. Assiduidade: O aluno deverá alcançar o mínimo de frequência igual a 75% (setenta e cinco por cento) das aulas previstas.
2. O aluno deverá alcançar média igual ou maior que 7,0 (sete) em cada disciplina.
3. Apresentação de trabalho de conclusão de Curso que poderá ser elaborado segundo três modalidades: Artigo Científico (em Libras ou em língua portuguesa); Resenha científica (em Libras ou em língua portuguesa) sobre tema abordado ao longo do curso a ser desenvolvido com base em, no mínimo, 5 artigos pertinentes ao mesmo; Unidade Didática com Plano de Atividades (em Libras ou em língua portuguesa), que inclua fundamentação teórica. As três modalidades serão avaliadas por 2 (dois) pareceristas que atribuirão uma nota, sendo um deles o orientador. Para aprovação, a média final deverá ser igual ou superior a 7,0 (sete).

### 3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES

<b>CORPO DOCENTE</b>	<b>TITULAÇÃO</b>
HEIDI BAECK	DOUTORA
JOSÉ RENATO BAPTISTA	DOUTOR
LAURA JANE BELEM	MESTRE
MARCIA REGINA GOMES	MESTRE
MARIA INÊS AZEVEDO	DOUTORA
MARIO MISSAGIA	DOUTOR
OSILENE MARIA DE SÁ E SILVA DA CRUZ	DOUTORA
RICARDO JANOÁRIO	DOUTOR
SIMONE PEIXOTO GONÇALVES	MESTRE
SOLANGE MARIA DA ROCHA	DOUTORA
WILMA FAVORITO	DOUTORA
YRLLA RIBEIRO	DOUTORA

**4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO**

<b>DISCIPLINA</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>PROFESSORES</b>
<b>1.HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b>	32 h	Solange M. da Rocha
<b>2.CORPOREIDADE E SURDEZ</b>	44 h	Marcia Gomes Heidi Baeck
<b>3.EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS</b>	40 h	Wilma Favorito
<b>4.ANTRPOLOGIA E SURDEZ</b>	44 h	José Renato C. Baptista e Mario J. MissagiaJunior
<b>5.PRÁTICAS EDUCACIONAIS ENVOLVENDO A LIBRAS</b>	40 h	Simone Peixoto Gonçalves
<b>6. ENSINO DE LP COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS.</b>	40 h	Maria Inês C. de Azevedo
<b>7. SEMINÁRIOS DIDÁTICOS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS</b>	52 h	Yrlla Ribeiro de O. C. da Silva
<b>8. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS</b>	24 h	Laura J. M. Belém
<b>9.METODOLOGIA E PESQUISA CIENTÍFICA</b>	44 h	Ricardo de S. Janoario
<b>TOTAL DE CARGA HORÁRIA</b>	<b>360 h</b>	

## 5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA

### 1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

**Carga horária:** 32 hs

**Ementa:** Aproximações entre a História da Educação Geral e a História da Educação de Surdos. Conhecer, através do estudo de fontes documentais, o debate acerca da educação de surdos praticado pelos Institutos de Surdos, nos séculos XVIII, XIX e XX. Análise crítica da produção bibliográfica referente à história da Educação de Surdos. Políticas Públicas Educacionais para sujeitos surdos na atualidade.

#### **Conteúdo programático:**

1. História
  - 1.1. Possibilidades e limites da pesquisa histórica.
  - 1.2. História da Educação Geral e História da Educação de Surdos: aproximações.
2. Percursos Históricos
  - 2.1 Registros de temas referentes à Educação de Surdos em diversos pensadores.
  - 2.2 Os pioneiros da educação de surdos na Europa Moderna.
  - 2.3 O debate educacional travado nos Institutos nos séculos XVIII, XIX e XX.
  - 2.4 O Império brasileiro e a criação de uma Escola para Surdos.
  - 2.5 Os Congressos de Educação de Surdos.
  - 2.6 Narrativas na perspectiva histórica da educação de surdos: revisão bibliográfica.
3. Educação de Surdos no Brasil nos séculos XX e XXI
  - 3.1 Uma linguagem e um ofício: as primeiras décadas no Instituto.
  - 3.2 Anos cinquenta: a expansão do ensino ao surdo no Brasil.
  - 3.3 Anos oitenta: a mudança de paradigma: Mímica / Língua de Sinais.
  - 3.4 A luta pelo reconhecimento da Língua de Sinais.
  - 3.5 O documento de Porto Alegre/1999 – A Educação que nós Surdos Queremos.
  - 3.6 O reconhecimento legal - Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.
  - 3.7 Tensões no Campo: as políticas de inclusão e a luta pela Escola Bilíngue.

### 3.8 O papel do Instituto Nacional de Educação de Surdos no debate nacional.

#### **Bibliografia**

BANKS-LEITE, Luci; SOUZA, Regina. (2002). O des (encontro) entre Itard e Victor: os fundamentos de uma educação especial. In: BANKS-LEITE, Luci; GALVÃO, Isabel (orgs.). A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez.

BASTOS, Maria Helena Câmara. (1999). A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil: o Curso normal para professores de primeiras letras do barão de Gerando (1839). In BASTOS, Maria Helena C. e FARIA FILHO, Luciano M.(orgs.) A Escola Elementar no Século XIX. Passo Fundo: Ediupf.

BINZER, Ina Von. (1994). Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BLOCH, Marc. (2002). Apologia da história ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar.

BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. (1997). Por que não lemos Anísio Teixeira? Rio de Janeiro: Ravil.

BURK, Peter. (1990). A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP.

CAMBI, Franco. (1999). História da Pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

COUTO-LENZI, Álpia. (2004). Cinquenta Anos: uma parte da história da educação de surdos. Associação Internacional "Guy Perdoncini" para o estudo e a pesquisa da deficiência auditiva. Rio de Janeiro: AIPEDA.

DIDEROT, Denis. (1993). Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam. São Paulo: Nova Alexandria.

DUBY, Georges. (1993). A História continua. Rio de Janeiro: Zahar.

GINZBURG, Carlos. (1987). O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras.

GÓES, M.C.R. (1996). Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados/Unicamp.

HALBWACHS, Maurice. (2006). A memória coletiva. São Paulo: Centauro.

LANE, Harlan. (1992). *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget.

LE GOFF, Jacques. (2003). *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp.

LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M., VEIGA, C.G. (Orgs.). (2003). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.

LOPES, Sonia Castro. (2006). *Ofício de Mestres: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1931-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ.

MIGNOT, A.C.V.; CUNHA, M.T.S. (Orgs.). (2003). *Práticas da Memória Docente*. São Paulo: Editora Cortez.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. (2002). *Anísio Teixeira e a Universidade de Educação*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

MENDONÇA, Ana Waleska et alii. (2006). Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos 1950/1960. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n.31, jan./abr. p. 96-113.

MENDONÇA, Ana Waleska e XAVIER, Libânia Nacif. (2006). O INEP no contexto das políticas do MEC nos anos 1950/1960. *Revista Contemporânea de Educação*. Publicação on line do Programa da Pós-graduação em Educação da UFRJ, n.1.

ROCHA, S. M. (2007). *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. Rio de Janeiro: MEC/INES.

\_\_\_\_\_. (2010). *Memória e História: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul.

#### **Fontes Documentais:**

Atas do Congresso de Milão, 1880. (2011). *Série Histórica do INES. Volume 2*. Rio de Janeiro.

Atas do Congresso de Paris, 1900. (2013). *Série Histórica do INES. Volume 5*. Rio de Janeiro.

*Revista EPHPHATHA*. (1914). *Associação Brasileira de Surdos Mudos. Volume 1*. Rio de Janeiro.

#### **Site:**

<http://brazil.crl.edu>

#### **Documentário:**

*O Mundo Sem Som*. (1957). Direção: Aluizio T. Carvalho. Acervo INES.

## 2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS ENVOLVENDO A LIBRAS

**Carga horária:** 40 h

**Ementa:** Libras: introdução de conceitos. Mitos e desmistificações da língua de sinais. Surdos: identidade, diferença e cultura. A Libras no contexto da educação de surdos. O professor e o intérprete de Libras no contexto educacional. Metodologias de ensino de Libras: abordagem com foco na forma e no uso da língua. Instrumentos de avaliação em Língua de Sinais.

**Objetivos:**

- compreender as diferenças entre as modalidades de línguas e seus aspectos gramaticais;
- discutir os mitos estabelecidos socialmente com relação às línguas de sinais e à comunidade surda;
- conhecer os aspectos teóricos referentes as identidades surdas, cultura e diferença;
- analisar as diferentes abordagens educacionais na educação de surdos;
- compreender o papel do professor e intérprete de Libras no âmbito educacional;
- conhecer os fundamentos metodológicos de vários autores para o ensino de Libras;
- aplicar as abordagens de metodologia com foco na forma e no uso da língua de sinais;
- conhecer os fundamentos teóricos e práticos avaliativos em língua de sinais;
- analisar os instrumentos de avaliação em língua de sinais.

**Conteúdo:**

- introdução a língua brasileira de sinais: compreensão básica e sua contextualização na dimensão política;
- crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e realidade dos surdos;
- identidades surdas;
- Ser surdo, diferença e cultura;
- abordagens educacionais na educação de surdos
- o professor e o intérprete de Libras no contexto educacional.
- metodologias de ensino de Libras? Como começar?
- tipos de instrumentos de avaliação em língua de sinais.

**Bibliografia:**

BRITO, L. F. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual na Educação de Surdos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, Ana Regina S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: Estudos Surdos II. Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (orgs). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, Cap. 4, pag 100, 2007. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>

CAMPOS, D. W.; STUMPF, M. R. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Org.) Um olhar sobre nós Surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias Educacionais em relação ao Surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. Revista Brasileira de Educação Especial. v. 6, n.1, 2000.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R.M.; CRUZ, C.R. Língua de Sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice. PIZZIO, Aline Lemos. Aquisição da Língua de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

SILVA, Vimar. Educação de Surdos: uma releitura da primeira escola publica para surdos em paris e do congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M.(org.). Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, Cap. 01, pag. 14. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>.

STROBEL, Karin Lilian. Histórias dos surdos: representações “mascaradas” das identidades. In: Estudos Surdos II. Ronice Müller de Quadros e GladisPerlin (orgs). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007, Cap. 1, pág. 18. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>.



### 3. CORPOREIDADE E SURDEZ

**Carga horária:** 44h

**Ementa:** Subsídios, para a atuação de professores em sala de aula, de: anatomia e fisiologia da audição; causas, tipos e graus de perdas auditivas; avaliação audiológica e tecnologia e surdez. Aquisição de linguagem em crianças surdas. Implicações psicossociais, linguísticas e cognitivas no processo educacional de crianças com surdez em associação a outros fatores de ordem sensorial, cognitiva e motora - surdocegueira; Deficiência Múltipla; Autismo e Surdez. Desenvolvimento das habilidades adaptativas; Formas de comunicação ajustadas ao sistema perceptivo. Estratégias Educacionais de Acessibilidade. Transição para vida adulta.

**Objetivos:** Conhecer os diferentes perfis da surdez; Debater o processo de medicalização da educação e da sociedade; Refletir acerca da surdez associada a outros fatores de desenvolvimento; e, debater sobre as diferentes possibilidades em aquisição de linguagem do indivíduo surdo.

**Conteúdo programático:**

1. Anatomia, fisiologia e avaliação do sistema auditivo;
2. Etiologia, tipos e graus de perdas auditivas: subsídios para professores em sala de aula;
3. Avaliação do sistema auditivo;
4. Tecnologia e surdez;
5. Medicalização da surdez;
6. Surdez e aquisição de linguagem;
7. Implicações da surdez em associação a outros fatores de ordem sensorial, cognitiva e motora;
8. Surdocegueira: desenvolvimento das habilidades comunicativas;
9. Deficiência múltipla: habilidades adaptativas;
10. Autismo e surdez;
11. Processos educativos na transição para vida adulta.

**Bibliografia**

BEVILACQUA, Maria Cecília et al. **Tratado de Audiologia**. São Paulo: Santos, 2012.  
BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei nº 13146 de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm).

CAMPELLO, Mônica Azevedo de Carvalho et al. **Análise de trabalhos publicados em anais sobre implante coclear: contribuições das áreas educacional e clínica**. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, p.7. Anais, São Carlos: UFSCar, 2016.

CRUZ, Carina Rebello; FINGER, Ingrid. Aquisição fonológica do português brasileiro de crianças ouvintes bilíngues bimodais e surdas usuárias de implante coclear. **Letras de Hoje**, v. 48, n.3, p.389-398, jul./set., 2013.

GOMES, Marcia Regina. **Surdocegueira: algumas considerações para a educação**. Revista Fórum. Instituto Nacional de Educação de Surdos. V.31. Jan-Jun/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20395/fb.v0i31>.

\_\_\_\_\_; NUNES, Leila. Regina. Desafios na formação de professores para a educação de crianças e jovens surdocegos e aqueles com deficiência múltipla. IN: (Orgs.) NUNES, L. R; PELOSI, Miryam (Org.); GOMES, Márcia (Org.). **Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: Relatos de pesquisas e experiências**, volume 1. (1ª ed). Rio de Janeiro: Quatro Pontos/FINEP, 2007.

LAGE, Aline Lima da Silveira. O implante coclear no processo de medicalização e produção de subjetividades surdas - ou - Do sofrimento e da resistência. **Conversações em Psicologia e Educação**. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia 5ª Região, 2016. Disponível em: [http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/10/livro\\_psicologia\\_educacao.pdf](http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/10/livro_psicologia_educacao.pdf)

ROCHA, Maira de Souza; PLETSCHE, Márcia Denise. **Deficiência Múltipla, sistemas de apoio e processos de escolarização**. Revista Horizontes, V.36, n.3, p.99-110, set/dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i3.700>.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Transtorno do espectro do autismo – TEA**. São Paulo: Memnon, 2011.

#### 4. EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

**Carga horária:** 40 h

**Ementa:** Educação bilíngue em seus aspectos políticos, culturais e pedagógicos; Representações hegemônicas e contra-hegemônicas no universo da surdez; Especificidades linguísticas, culturais e pedagógicas de aprendizes surdos usuários de língua de sinais.

**Conteúdo programático:**

1. A surdez como diferença linguística e cultural.
2. Bilinguismos, multilinguismo e ideologias linguísticas.
3. Os surdos como minoria linguística na sociedade, na escola e na família.
4. Linguagem e identidade.
5. Contextos bilíngues de ensino e interculturalidade.
6. Políticas e planejamentos linguísticos e a educação de surdos.
7. O intérprete educacional nos contextos de ensino com aprendizes surdos.
8. Os surdos e a dimensão visual na construção de conhecimentos.
9. Pedagogia visual (Estudos Surdos) e currículo.

**Bibliografia**

BRITO, F. B. Percursos históricos da luta político-ideológica dos surdos brasileiros por direitos sociais, linguísticos e educacionais. **The Specialist**. Vol. 40, nº3, 2019. <http://revistas.pucsp.br/esp>.

CAO, L. P. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. Gragoatá, Niterói, v.22, n. 42, p. 184-207, jan.-abr. 2017.

CAVALCANTI, M.C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**,n.15: 385-417,1999.

Cavalcanti, M.C.; Silva, I.R. Práticas transidiomáticas em um cenário surdo-ouvinte e ideologias de língua(gem) **Revista da Anpoll**, no 40, p. 33-45, Florianópolis, Jan./Jun. 2016.

CESAR, A.L.; CAVALCANTI, M.C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: Cavalcanti, M.C.; Bortoni-Ricardo, S.M. (Orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

FAVORITO, W. & SILVA, I. R. (A construção de projetos de educação bilíngue de surdos: travessias em comum em percursos singulares. In R. M. Souza (Org.), **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll** (pp. 187-211). Curitiba: CRV, 2019.

FERNANDES, S. Práticas de Letramento na Educação Bilíngue para Surdos. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Superintendência de Educação de

Departamento Especial, 2006.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 51-69. Editora UFPR, 2014.

\_\_\_\_\_. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 3, p. 127-150, dez. 2017.

FERNANDES, S.de F.. MEDEIROS. J. R.. Gêneros textuais em videolibras: um estudo de aspectos composicionais. **Revista Científica Trama**, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 16, n. 39, p. 65-80, maio 2020.

FREIRE, A. M. F. e FAVORITO, W. Relações de poder e saber na sala de aula: contextos de interação com alunos surdos. In: CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

GÓES, M.C.R. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: GÓES, M.C.R.; LACERDA, C.B.F. (Org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000. p. 29-50.

LAGARES, X.C. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LINS, D. C. e FAVORITO, W. Português para surdos usuários de Libras: por que chamá-lo de língua adicional? In: SILVA, A. G.; RIBEIRO, T.; CRUZ, O. **Práticas pedagógicas no ensino da língua portuguesa escrita para surdos: desafios, experiências, e aprendizagens**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

MAHER. T. M. O dizer do sujeito bilíngue: aportes da Sociolinguística. **Anais do Seminário Desafios e possibilidades na educação bilíngue para surdos**. INES, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI-RICARDO, S.M. (Orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2007, p.67-94.

\_\_\_\_\_. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela B. e CAVALCANTI, Marilda C. **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas:SP, Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Hibridismo e linguagem: o inevitável diálogo entre Libras e língua portuguesa no discurso do sujeito surdo. **Revista Forum**, INES, Rio de Janeiro, nº 25-26, p. 33-36, 2012. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/issue/view/20/showToc>

MEGALE. A. H. Educação bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais. **The Specialist**, vol. 39, nº2, 2018.

MEGALE, A. H.(org.). **Educação Bilíngue no Brasil** (prefácio Ofelia García). –São Paulo: Fundação Santillana, 2019.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT A. P. Multilinguismo e ensino nas fronteiras. **Línguas e instrumentos linguísticos** – No 43 – jan-jun 2019.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngue. **D.E.L.T.A.**, 35-4, 2019 (1-39).

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

SILVA, I. R. & FAVORITO, W. *Surdos na escola: letramento e bilinguismo*. Campinas: Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_ Reflexões sobre o estatuto das línguas nos contextos bi-multilíngues de educação para surdos no Brasil. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 19, n. 44, 2018.

SILVA, Ivani Rodrigues. Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngue da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno. **Trab.Ling.Aplic.**, Campinas, 47(2): 393-407, Jul./Dez.2008.

SKLIAR, C. B.. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 1e v.2.

SVARTHOLM, K. 35 anos de Educação Bilíngue de surdos – e então? **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 33-50, 2014. Edição Especial.

## 5. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

**Carga Horária:** 40h/a

**Ementa:** Discursividade da língua. Dialogismo e intertextualidade. Leitura como produção social. A sala de aula como espaço de leituras/interações. Estratégias para o ensino de leitura e escrita para alunos surdos. Mediações entre Libras e LP. Tipos textuais, gêneros textuais. Escrita em L2 sob a perspectiva de multiletramentos. Processos avaliativos no ensino de LP para surdos.

### **Objetivos:**

- refletir sobre o ensino da língua portuguesa para aprendizes surdos;
- discutir conceitos sobre letramento e multiletramentos;
- propor metodologia e estratégias de ensino da língua portuguesa na modalidade escrita;
- apresentar princípios e critérios para a compreensão e produção textual em LP;
- desenvolver métodos avaliativos de textos de aprendizes surdos;
- desenvolver práticas de ensino baseadas em gêneros textuais;
- refletir sobre a importância da língua de sinais no ensino de LP.

### **Conteúdos:**

Língua como código, língua como discurso;

Leitura como construção social;

Leitura de mundo e conhecimento construído na escola;

Estratégias de leitura em língua portuguesa para alunos surdos;

Estratégias de escrita em língua portuguesa para alunos surdos;

Tipos textuais e gêneros textuais;

Mediações entre Libras e LP escrita;

Escrita em L2 sob a perspectiva de multiletramentos;

Processos avaliativos no ensino de LP para surdos.

**Bibliografia:**

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 07.01.2015.

BRASIL. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

Dias, M. S.; Peixoto, W. R. S. O uso de imagens como prática de letramento de alunos surdos. Anais do Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. Capa > v. 9, n. 1 (2016).

FERNANDES, E. Surdez e bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

\_\_\_\_\_. Letramentos na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp27/06.pdf>. Acesso em: junho/2013.

FERNANDES, S. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

GONÇALVES, H. B. e FESTA, P. S.V. Metodologia do Professor no Ensino de Alunos Surdos. Ensaios Pedagógicos – Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. ISSN 2175-1773, dez 2013.

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Org.). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. 1a.ed. São Carlos: EduFSCar, 2013.

LODI, Ana Claudia Balieiro (Org.) ; MELO, Ana Dorziat B. (Org.) ; FERNANDES, Eulália (Org.) . Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. 1a. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Ensino da língua portuguesa como segunda língua no Atendimento Educacional Especializado para Alunos Surdos. 1a.ed. Uberlândia: EDUFU, 2012, v. 2, p. 161-176.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; Antonio Carlos Xavier. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEREIRA, M. C. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. (Org.). Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane, MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, Brian. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_, Vanda Maria Elias. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, M. S. C. Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola inclusiva. Revista Letra Magna ano 3, n. 5, 2006. p. 1-13.

PEREIRA, M. C. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, A. C. B. et al. Letramento e minorias. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2002. cap. 4.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, H.M.M.L. et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Vol. 1.

\_\_\_\_\_. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Vol. 2.



## 6. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

**Carga horária:** 24 h

**Ementa:** A tradução interpretação de Libras-Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa para alunos surdos em contexto educacional de nível superior, das práxis do profissional TILSP – Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa, envolvendo o uso de, no mínimo, duas línguas – Libras/ Língua Portuguesa. As relações constituídas em sala de aula envolvendo docentes, alunos surdos e alunos ouvintes. O uso da tecnologia numa perspectiva técnico-midiática de produção de materiais e pesquisa. Estudos dirigidos e oficinas de tradução-interpretação nas modalidades e gêneros variados

### **Objetivos:**

- Promover estudos dirigidos e subsídios sobre as práticas e o agir do TILSP educacional, na área da Educação das pessoas surdas e surdocegas, com aprofundamento nas questões da língua portuguesa e Libras sob o viés da tradução e interpretação;
- Praticar a tradução interpretação da Língua Portuguesa para Língua de Sinais e vice versa, para pessoas surdas, surdos oralizados e surdocegos;
- Realizar atividades propostas de pesquisa e produção de material de tradução interpretação;
- Uso da Libras durante as aulas para fins de prática bilíngue e de política afirmativa de uma cultura bilíngue;
- Exercitar algumas das modalidades de tradução interpretação utilizadas junto aos surdos, nas modalidades simultânea e consecutiva;
- Ampliação do vocabulário em contexto acadêmico no uso da Libras e da língua portuguesa;
- Analisar os discursos e narrativas nos ambientes formais e informais, em contexto acadêmico;
- Desenvolver linguagem corporal, postura, representação visual em trabalhos produzidos em vídeo, e nas apresentações;
- Apropriação da literatura surda e dos artefatos culturais da comunidade surda;
- Aprimorar e incorporar o uso da mídia como elemento agregador ao trabalho do tradutor intérprete de Libras;
- Realizar atividades de forma a conciliar as teorias existentes às práticas desempenhadas no uso da Libras;
- Experenciar as práticas e competências tradutórias de cunho social, interagindo numa perspectiva da linguagem acadêmica;
- Ampliar o conhecimento da legislação existente e vigente sobre a profissão, o desempenho profissional e dos direitos e deveres do profissional tradutor intérprete de Libras.

### **Conteúdo:**

1. A simultaneidade (prima vista) e a ausência de um planejamento coletivo- equipe. Discutir as condições dos cursos para tradução e interpretação para professores surdos e ouvintes.
2. Teoria e prática da tradução interpretação. Técnicas e procedimentos de traduzir e

- interpretar a Libras e o Português no campo educacional
3. A atuação do Guia-intérprete no Ensino Superior e a relação com o aluno surdocego no contexto educacional em nível superior
  4. A tradução e a interpretação de discursos semióticos – contribuições das metáforas e polissemias
  5. Meios de expressividade pela voz, fala e corpo na comunicação e o papel do intérprete surdo nesse contexto („espelho“ como modalidade de interpretação)

### **Bibliografia Básica:**

- ALBRES, N. A. **Intérprete educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva.** São Paulo: Harmonia, 2015.
- AUBERT, F. H. **As (in) fidelidades da tradução: Servidões e autonomia do tradutor.** 2. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- COSTA, Renata dos Santos. **O professor intérprete de Libras em uma escola polo do município de Nova Iguaçu.** Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **A interação verbal.** Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 1, nº 1, janeiro-julho/2013.
- RODRIGUES, Carlos Henrique. **Aspectos processuais na Interpretação simultânea para a Língua de Sinais Brasileira.** Estudos da língua brasileira de sinais. Ronice Müller de Quadros, Marianne Rossi Stumpf e Tarcísio de Arantes Leite (orgs.). Série Estudos de Língua de Sinais. V. 1. Florianópolis: Insular, 2013
- GESUELI, Z. A narrativa em Língua de Sinais: um olhar sobre Classificadores. *In Estudos Surdos IV / Ronice Muller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (organizadoras).* – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009.
- SEGALA, R.R. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** 74p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, 2010.
- SEGALA, R.R., QUADROS, R.M.de. **Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral.** Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015
- SIQUEIRA, R.B.de. **O papel do Intérprete Surdo.** 80p. Monografia (Pós-Graduação em Tradução e Interpretação da LIBRAS. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro – RJ, 2015.
- \_\_\_\_\_. **De professor surdo à intérprete de Línguas de Sinais: dois perfis em um profissional surdo.** 51p. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos – DESU-INES. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

## 7. ANTROPOLOGIA E SURDEZ

**Carga horária:** 44 h

### **Introdução**

Com proliferação de acepções do termo cultura se prodPOLOUziu uma série de sentidos e usos distintos para “cultura”. No campo da teoria social, particularmente na Sociologia e na Antropologia, o termo passou por inúmeras transformações desde a clássica definição proposta por E. B. Tylor (1871). Se de um lado, a questão da cultura tornou-se campo de batalha e de afirmação de minorias e, com efeito, serviu para promoção destas minorias e para o enfrentamento das mais variadas formas dominação, a amplitude do conceito de cultura, sobretudo pela sua dimensão política, incorre no risco de seu esvaziamento enquanto categoria de análise.

Mas afinal, o que se quer dizer quando dizemos “cultura”?

Responder esta pergunta e as questões envolvidas nesta resposta nos leva ao eixo central desta disciplina, posto que busquemos aqui oferecer uma reflexão sobre os múltiplos sentidos do termo cultura e suas diversas aplicações (e implicações). Portanto, pretende-se introduzir uma discussão sobre os sentidos do termo cultura e sua relação com as diversas minorias, considerando as questões étnicas, culturais e de gênero, e no caso em particular desta pós-graduação, a reflexão e o debate em torno de construções culturais acerca da surdez e do bilinguismo, da inclusão e da educação em geral.

**Ementa:** O conceito de cultura e suas múltiplas acepções e implicações; Cultura e Sociedade: a visão das Ciências Sociais; Natureza e Cultura ou “da natureza da cultura”. A análise da cultura em sociedades complexas. Cultura Popular x Cultura Erudita. Cultura de Massa e Cultura Pop. Cultura e Etnografia. Cultura, Identidade e Poder. Teorias da Etnicidade e os grupos étnicos. Políticas de identidade e reconhecimento. Multiculturalismo e Educação. Culturas Surdas: uma introdução.

### **Objetivos:**

- Promover uma discussão qualificada acerca do conceito de cultura.
- Permitir um aprofundamento da reflexão sobre o conceito de cultura e seus usos.
- Introduzir as noções de identidade e etnicidade e suas relações com o conceito de cultura,
- Apresentar as inovações teóricas em torno do conceito de cultura,
- Introdução ao debate sobre culturas e identidades surdas.

## **Bibliografia**

- BHABHA, H. K. (2010). O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG.
- BARTH, F. (2000). O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa.
- BENJAMIN, W. (1987). Obras Escolhidas Vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, A. (1992). A dialética da colonização. São Paulo: Cia. das Letras.
- BOURDIEU, P. (2002) Esboço de uma Teoria da Prática. Oeiras: Celta Editora.
- \_\_\_\_\_. (2007) A Distinção – crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk.
- \_\_\_\_\_. (1987) A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. (2009). Cultura com asas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.
- CANCLINI, N. G. (1997). Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP.
- \_\_\_\_\_. (2005). Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ.
- EAGLETON, T. (2005) A Ideia de Cultura. São Paulo: Unesp.
- ELIAS, N. (2011) O processo civilizador. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1995) Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1997) Os Alemães - A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (1999). Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- FABIAN, J. (2013). O Tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes.
- GEERTZ, C. (1989). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1997). O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2001). Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.
- GONÇALVES, J. R. S. (1996). Obsessão pela cultura. in Paiva, M. & Moreira, M. A. (coord.) Cultura. Substantivo Plural. Rio de Janeiro: CCBB/São Paulo: Editora 34.
- GOODY, J. (2012) A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes.
- HALL, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- \_\_\_\_\_. (2003). Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG.

HERZFELD, M. (2005). *Intimidade Cultural: Poética Social no Estado-nação*. Lisboa: Edições 70.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *A Indústria Cultural: Iluminismo como mistificação das massas*. In: *Dialética do Esclarecimento*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

HORKHEIMER, Max. *O conceito de Esclarecimento*. In: *Dialética do Esclarecimento*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

KUPER, A. (2002). *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: SP: EDUSC.

LADD, P. (2013). *Em busca da surdidade: Vol. 1. Colonização dos Surdos*. Lisboa: Surd“Universo.

LÉVI-STRAUSS, C. (1976). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

\_\_\_\_\_(1976) “Raça e História”, in *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SAHLINS, M. (1997) “O „Pessimismo Sentimental“ e a Experiência Etnográfica: Por que a Cultura Não é um „Objeto“ em Via de Extinção”. **Mana. Estudos de Antropologia Social** 3 (1): 41-73; **Mana. Estudos de Antropologia Social** 3 (2), 1997: 103-150.

\_\_\_\_\_(2003) *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar.

SILVA, C.A.S. (2014). *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome.

SILVA, T. T. (org.) (2008). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_(org.) (1999). *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica.

TYLOR, E.B. [1871](2005). *A ciência da cultura*. In Castro, C. (org.) *Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WAGNER, R. (2010) *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

## 8. METODOLOGIA E PESQUISA CIENTÍFICA

### **Carga Horária: 44h**

**Ementa:** Metodologia e Pesquisa Científica; Técnicas de Pesquisa; Projeto de pesquisa e suas fases; Coleta, manuseio e análise de dados; Formas de apresentação resultados; Estrutura do Texto Científico; Redação acadêmico-científica: suas características e seu estilo.

**Objetivos:** Analisar teóricas e técnicas da pesquisa científica; Compreender o significado e a função da pesquisa científica; Identificar as diferentes etapas da produção do conhecimento científico; Discutir e exercitar as principais técnicas de coleta e tratamento de dados; Pesquisar os critérios da redação científica; Redação científica I: construção de um pré-projeto de artigo científico. Redação científica II: Introdução à elaboração de artigo científico.

### **Conteúdo programático:**

1. Unidade 1: ciência e conhecimento científico
  - 1.1. O que é ciência?
  - 1.2. Ciência e Conhecimento
  - 1.3. Tipos de Conhecimento
2. Unidade 2: métodos e metodologia
  - 2.1. O que são métodos?
  - 2.2. O que é metodologia científica?
  - 2.3. Indução e Dedução
  - 2.4. Paradigmas
  - 2.5. Tipos de Métodos
3. Unidade 3: técnicas de pesquisa
  - 3.1. Pesquisa Social
  - 3.2. Técnicas de pesquisas
  - 3.3. Pesquisa qualitativa
  - 3.4. Pesquisa quantitativa
  - 3.5. Delimitação do tema de pesquisa

- 3.6. Instrumentos de coleta de dados
- 3.7. Análise e interpretação de dados
4. Unidade 4: projeto de pesquisa
  - 4.1. Estrutura do texto científico
  - 4.2. Aspectos gráficos
  - 4.3. Normatização e Regras da ABNT
  - 4.4. Elaboração do pré-projeto (artigo científico)
5. Unidade 5: artigo científico
  - 5.1. Características linguísticas e retóricas do gênero artigo;
  - 5.2. Artigo científico: Introdução;
  - 5.3. Artigo científico: Revisão da literatura;
  - 5.4. Artigo científico: Metodologia;
  - 5.5. Artigo científico: Análise e discussão dos resultados;
  - 5.6. Artigo científico: Resumo acadêmico/Abstract.

## **Bibliografia**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa - apresentação. Rio de Janeiro, 2003a.

\_\_\_\_\_. NBR 6023: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2003b.

\_\_\_\_\_. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002a.

\_\_\_\_\_. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

\_\_\_\_\_. NBR 6028: informação e documentação: resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003c.

\_\_\_\_\_. NBR 15287: informação e documentação - projeto de pesquisa - apresentação, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. NBR 6027/1989: sumário: procedimento. Rio de Janeiro, 1989. \_\_\_\_\_. NBR 10719: informação e documentação Relatório técnico e/ou científico apresentação. Rio de Janeiro, 2009.

BAGNO, Marcos. Pesquisa na escola – o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.  
CERVO, A. L.; BERVIAN, P, A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6ª ed. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006.

- DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLDENBERG, Mírian. A Arte de Pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 2004
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2006.
- MACHADO, Anna Rachel (coord.). Resumo. São Paulo: Parábola, 2007.
- MACHADO, Anna Rachel (coord.). Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.
- MARTINS, Dileta M. & ZILBERKNOP, Lúbia S. Português Instrumental – de acordo com as atuais normas da ABNT. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.
- MASCARENHAS, Sidnei Augusto. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- MEDEIROS, João Bosco. Redação científica; prática de fichamento, resenha, resumo. São Paulo: Atlas, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- MOTTA-ROTH, D. & HENDGES, G. R. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- MOTTA, Valter T., HESSEIN, Lúcia Gonçalves & GIALDI, Silvestre. Trabalhos científicos: definição e estrutura. In: —. Normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos. Porto Alegre: Editora Médica Missau, 2002.
- NUNES, Antônio Rizzatto. Manual da monografia jurídica. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- OLIVEIRA, J. L. de. Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PAIXÃO, L.; FERNANDES, L. M.; BASTOS, L. R. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.
- SALVADOR. Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Livraria Editora Sulina, 2000.
- SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, José Maria da Silva; SILVEIRA, Emerson Sena. Apresentação de trabalhos acadêmicos. Normas técnicas. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.



## 9 . SEMINÁRIOS DIDÁTICOS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

**Carga horária:** 52 h

**Ementa:** Esta disciplina pretende abordar aspectos relativos a diferentes práticas pedagógicas em contexto bilíngue; dinâmicas linguísticas entre professores ouvintes e alunos surdos em atuação na sala de aula e recursos didáticos bilíngues nas diversas áreas da educação básica.

### **Conteúdo programático:**

1. Ensino de Matemática nas séries iniciais para surdos;
2. Habilidades de Leitura e Escrita em L2 nas séries iniciais;
3. Ensino de Ciências para surdos;
4. O campo da história e da Geografia na educação de surdos;
5. A educação infantil para surdos;
6. O processo de mediação com crianças surdas com múltiplas deficiências;
7. A relação professor- intérprete no espaço da sala de aula;
8. Construindo a avaliação na educação de surdos.

### **Referências Bibliográficas**

COUTINHO, Maria Dolores. Educação Matemática e Surdez, um diálogo necessário. Revista Espaço. n.37. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Educação de Surdos Jan/jun. 2012.

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em Português? Língua de Sinais e escrita: em busca de uma aproximação. IN: SKLIAR, C. B. ( ORG). Atualidades da educação bilíngue para surdos. Vol.2 . Porto Alegre. Mediação, 1999

FLORES, Ana Claudia da Fonseca, Espaço de Ciências do 1º Segmento do Ensino Fundamental – EspCie1. Arquivo, vol.21-INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos; p.33-42 (jan/jun), 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Atlas Geográfico Interativo Bilíngue: Libras/Portugues. DVD –ROM. 2008

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (Org.). A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230.

OLIVEIRA, Cristiane Viana de; SILVA, Francimar Batista; GOMES, Vera Lucia. A avaliação do aluno surdo no ensino regular. Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS, v.7, n.19, p.71-80, jan./abr. 2017.